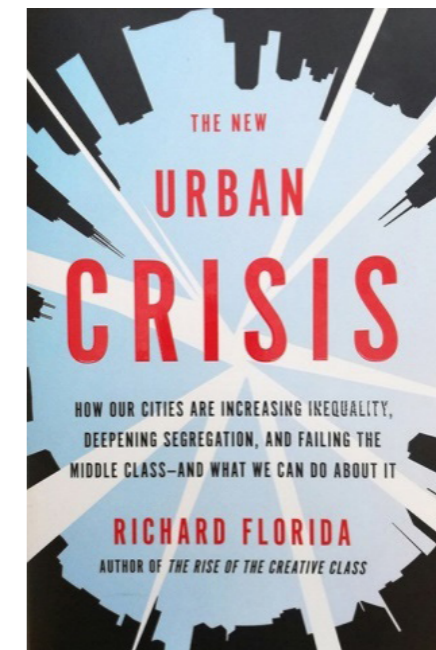


## A NOVA CRISE URBANA E O DECLÍNIO DA CLASSE CRIATIVA

Diego Santos Vieira de Jesus<sup>1</sup>

FLORIDA, Richard. **The new urban crisis**: How our cities are increasing inequality, deepening segregation, and failing the middle class – and what we can do about it. Nova York: Basic Books, 2017.  
ISBN: 13: 9780465079742.

Em 2002, com o lançamento de *“The rise of the creative class – and how it’s transforming work, leisure, community and everyday life”*, o urbanista norte-americano Richard Florida (2002) apresentou o conceito de “classe criativa”, que remetia a uma série de trabalhadores ligados ao conhecimento e ao talento individual e coletivo, que serviriam como motores do desenvolvimento urbano. Tal desenvolvimento dar-se-ia no contexto de fortalecimento da economia criativa, um conjunto de atividades ligadas a uma lógica da inovação em um regime de invenção e que se desenvolveram com o aproveitamento das particularidades culturais de sociedades como formas de geração de emprego e renda (HARTLEY, 2005; HOWKINS, 2001). Partindo de uma interpretação ampla da utilização da criatividade em atividades de trabalhadores e profissionais na sociedade, o autor argumentava que as ocupações cujo aspecto principal era o uso da criatividade em sua produção criavam dinamismo socioeconômico e cultural (FLORIDA, 2002). Tal classe incluiria desde pintores, arquitetos e engenheiros, por exemplo – que comporiam o que chamava de “núcleo supercriativo” – até profissionais criativos em setores como saúde e finanças. Na formulação



<sup>1</sup> Professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing do Rio de Janeiro (ESPM-Rio). [dvieira@espm.br](mailto:dvieira@espm.br).  
✉ Rua do Rosário, 90, Centro, Rio de Janeiro, RJ. 20041-002.

## A nova crise urbana e o declínio da classe criativa

Diego Santos Vieira de Jesus

de decisões políticas, prefeitos por todo o mundo abraçaram as ideias de desenvolvimento urbano trazidas por Florida, enfatizando a atração de capital humano (GRABAR, 2017).

Diante do potencial da classe criativa, os governos que almejassem o desenvolvimento urbano deveriam ter, segundo Florida (2002), o foco na atração e na retenção de trabalhadores criativos, uma vez que tais trabalhadores seriam a chave para o crescimento econômico e a inovação. Nesse sentido, o ideal seria o incentivo do Poder Público não apenas a um ambiente de negócios favorável, mas a espaços que permitissem a interação e a conexão entre tais profissionais e aqueles que apoiam setores criativos. Entretanto, desde o lançamento dessa obra em 2002, Florida foi alvo de inúmeras críticas pelo fato de que o apelo a uma classe criativa de trabalhadores urbanos do conhecimento excluía uma série de moradores dessas cidades, que eram os principais prejudicados com uma distribuição desigual dos benefícios advindos das atividades produtivas de setores criativos. A insatisfação com a ênfase na “classe criativa” por formuladores de decisão tornava-se visível, segundo Eugene McCann (2007), na mobilização política de grande parte da população marginalizada dos benefícios dos setores criativos por melhorias em áreas como planejamento urbano, infraestrutura e habitação.

Quinze anos depois do lançamento de *“The rise of the creative class”*, Florida repensa aspectos fundamentais dessa obra no livro *“The new urban crisis: How our cities are increasing inequality, deepening segregation, and failing the middle class – and what we can do about it”*, no qual define o que seria uma “nova crise urbana” em cidades ao redor do mundo e traz propostas para a governança desses locais. O autor levanta novas questões relacionadas à desigualdade e à segregação, sugerindo que a “nova crise urbana” é um aspecto básico de grandes áreas metropolitanas liberais. Segundo Henry Grabar (2017), tal crise

remete à ampliação das divisões econômicas não somente entre cidades, mas também dentro delas. Para mitigar essas divisões, Florida aponta que se faz necessária uma reforma do zoneamento, bem como o investimento em habitação acessível e localizada em áreas centrais, o aumento dos salários no setor de serviços e o investimento local para a eliminação da concentração da pobreza.

Ainda que mantenha seu otimismo em relação à urbanização, Florida leva em conta os desafios socioeconômicos que se desenvolveram nas cidades. Além de trabalhar com a classe criativa, Florida traz os conceitos de “classe de serviços” e de “classe trabalhadora” para estudar a geografia econômica desses três conjuntos a partir de novos índices que mensuram a desigualdade e a segregação de acordo com renda, educação e classe. O “Índice da Nova Crise Urbana” permite quantificar e ranquear a severidade da crise ao longo de regiões metropolitanas, correlacionando o tamanho, a densidade e parcela de trabalhadores da classe criativa; a renda e os resultados econômicos de tais regiões. O argumento central desenvolvido em *“The new urban crisis”* aponta que, conforme uma classe criativa torna-se bem-sucedida em uma dada cidade, tal sucesso pode ampliar a desigualdade e a segregação espacial entre os mais ricos e os mais pobres. Enquanto a “antiga crise urbana” resultava de declínio econômico e saída de pessoas das cidades centrais, a nova crise desponta num contexto em que a urbanização parece ser vítima de seu próprio sucesso, algo que também apontam outros autores como Jenny McArthur e Enora Robin (2019).

As facetas da “nova crise urbana” começam a ser exploradas quando Florida apresenta o crescimento divergente entre as cidades classificadas por ele como “superestrelas” – Londres, Paris, Nova York e Los Angeles – e as demais. A “crise do sucesso” em cidades “superestrelas” se estabelece na medida em que elas precisam lidar com desafios como preços inflados de propriedades;

A nova crise urbana e o declínio da classe criativa  
Diego Santos Vieira de Jesus

a “plutocratização” de áreas, que afasta até mesmo trabalhadores do conhecimento com altos salários; e a extrema desigualdade. A desigualdade e a segregação espaciais crescentes por todas as cidades criam metrópoles divididas internamente, e a pobreza urbana atinge até mesmo as áreas suburbanas das grandes cidades norte-atlânticas, cada vez mais marcadas por insegurança, crime e segregação racial e econômica. No mundo em desenvolvimento, Florida reconhece que a urbanização não trouxe as melhorias esperadas nos padrões de vida.

Entretanto, a definição de uma “nova crise urbana” apresenta aspectos controversos que trazem limitações às contribuições de Florida para o debate acadêmico em estudos de Geografia, Planejamento Urbano e Economia Criativa. As cidades às quais o autor se refere são predominantemente norte-atlânticas, e os dados empíricos focam primordialmente as regiões metropolitanas nos Estados Unidos, com referências ocasionais a exemplos europeus. Aspectos da “nova crise urbana” desenvolvidos pelo autor não podem ser generalizados indiscriminadamente para países do Sul global. Florida (2002) indica que as ocupações na “classe criativa” podem promover inclusão social e reduzir disparidades baseadas em gênero, orientação sexual, renda, origem e raça, por exemplo. O autor volta a conceber em sua obra mais atual que a cultura poderia criar uma sociedade na qual o talento pudesse ser desenvolvido ao se permitir um ambiente aberto e inclusivo, que viabilizaria que as pessoas validassem suas identidades múltiplas e utilizassem a tecnologia para a busca de inovações a partir de suas variadas contribuições. Entretanto, o autor parece ignorar que os estrangulamentos sistêmicos, vigentes principalmente em sociedades periféricas, dificultam o desenvolvimento de talento ou habilidades e aptidões individuais e coletivas, tendo em vista os déficits educacionais sérios e a inadequação de programas educacionais às demandas de uma sociedade crítica e criativa. Mesmo em países

do Norte, o autor parece dedicar pouca atenção às necessidades diferenciadas de cidades menores, com diferentes estruturas econômicas e dinâmicas de migração.

Uma questão ainda mais fundamental gira em torno dos “sucessos” da classe criativa: segundo o autor, como a definição de “sucesso” tem uma série de custos e limitações associados que levam a uma crise, seria necessário que, primeiramente, Florida refletisse sobre como o sucesso pode ser definido e mensurado. Além disso, seria também necessário que Florida elucidasse as circunstâncias nas quais a desigualdade leva ou não a uma limitação do crescimento econômico e altos níveis de segregação e desigualdade econômica impedem ou não a mobilidade social, tendo em vista que, segundo o autor, cidades como Nova York, Los Angeles e Boston são altamente desiguais e segregadas, mas, ainda assim, apresentam caminhos para a ascensão social.

A obra mais recente de Florida parece partir de mensurações econômicas padronizadas de crescimento e desempenho, ignorando que formas mais elaboradas de entendimento das economias urbanas – inclusive valorizadas por estudiosos da área de Economia Criativa e Cidades Criativas, como Charles Landry e Franco Bianchini (1998) – poderiam levar em conta a qualidade de vida e a preservação ambiental, indo para além de indicadores econômicos. Ademais, torna-se difícil conceber, por exemplo, o estímulo à tecnologia em sociedades nas quais não somente a corrupção se coloca presente, mas também políticas governamentais limitam o desenvolvimento da pesquisa acadêmica, podendo conduzir ao dismantelamento de grupos de pesquisa e à fuga de cérebros para outros países onde pesquisadores encontrem condições melhores de trabalho. A realização do papel do governo enquanto instigador e financiador de empresas baseadas em novas tecnologias e pesquisas acaba sendo prejudicada, bem como sua cooperação com o setor privado e as universidades. As empresas

A nova crise urbana e o declínio da classe criativa  
Diego Santos Vieira de Jesus

tipicamente investem mais em inovação durante crises a fim de superá-las, mas isso se torna inviável quando estão muito endividadas ou envolvidas em esquemas de corrupção com atores governamentais, sem contar que muitas ainda não reconhecem a importância da inovação na superação de contextos econômicos adversos, especialmente em países periféricos, por associarem a inovação a altos riscos. Nesse sentido, a articulação entre governo, empresa e universidades visando ao desenvolvimento regional por meio da inovação a partir do modelo de uma “tríplice hélice” (LEYDES DORFF; ETZKOWITZ, 1998) pode ser comprometida.

Além disso, “*The new urban crisis*” parece uma obra baseada no mesmo pressuposto da obra inicial de Florida sobre a “classe criativa” de que todo ser humano é criativo, mas tal criatividade só é reconhecida na medida em que contribua para o crescimento econômico. Ainda que o próprio termo “classe” possa ser definido de múltiplas formas, ele tipicamente se refere a um grupo de pessoas que têm um *status* social semelhante. A mobilização da criatividade no exercício da profissão é um critério frágil para a definição de uma classe diante não somente da diversidade de setores criativos que apresentam necessidades e reivindicações próprias, mas que também são marcados por diferenças em termos de salários, condições de trabalho e exercício da criatividade entre os próprios profissionais que atuam dentro de um mesmo setor ou entre setores distintos. Outra questão que se levanta com relação à amplitude do conceito de “classe criativa” é a dificuldade de autopercepção dos profissionais criativos enquanto membros de uma mesma classe, tendo em vista que muitos desses profissionais não conseguem identificar o que efetivamente há em comum com outros membros, o que deteriora as ideias de unidade e de coesão que uma classe pressupõe.

A ideia de “tolerância” presente na “classe criativa”, ao supor coexistência, não abarca obrigatoriamente o reconhecimento das diferenças na dimensão de riqueza, nem conduz a modificações essenciais nas visões que as pessoas têm sobre as outras. A adoção da tolerância pode até alterar comportamentos de profissionais criativos, fazendo com que sejam menos hostis às diferenças, mas não necessariamente engloba modificações profundas na identidade dos atores envolvidos, de forma que padrões hierarquizantes e depreciativos das diferenças existentes nas sociedades não seriam desconstruídos ou superados com a formação de uma “classe criativa”; ao contrário, tais padrões poderiam ser incorporados ou até mesmo acentuados nela. As virtudes da produção criativa podem ser promovidas e idealizadas, mas não necessariamente é permitido a mulheres, LGBT+s, negros e indivíduos de menor renda libertarem-se das relações opressoras por meio da sua participação na “classe criativa”, uma vez que os profissionais de setores que compõem tal classe reproduzem regimes hierarquizantes que segregam, excluem e marginalizam as diferenças, particularmente em países em desenvolvimento, nos quais esses regimes mostram-se mais enraizados em face das lacunas históricas em termos de garantia de direitos a tais diferenças. Florida sequer toca nessa particularidade em sua obra mais recente, ainda que ela seja um elemento que alimenta a desigualdade e a segregação urbanas.

Apesar de suas limitações, “*The new urban crisis*” funciona como um marco do fim de uma crença ingênua de “triumfalismo urbano” na literatura sobre economia criativa, ainda muito baseada na ideia de que a urbanização traria as soluções para uma série de mazelas sociais. A maior urbanização não veio sem custos, dentre os quais cabe citar a gentrificação, o aumento do preço dos aluguéis e a especulação imobiliária, que contribuíram para a segregação e levaram à ampliação das desigualdades na distribuição da riqueza e da renda. A tentativa de

A nova crise urbana e o declínio da classe criativa  
Diego Santos Vieira de Jesus

Florida de diagnosticar tal crise – vendo as cidades como motores de inovação socioeconômica, mas também como zonas de ampliação de desigualdades e de divisões de classe – e oferecer recomendações para saná-la parece apontar para um “urbanismo para todos”, não somente para as elites e a classe criativa. A perspectiva mais pragmática de governança proposta por Florida sugere um olhar mais atento à dinâmica das cidades. Esse olhar perpassaria estratégias focadas em zoneamento, taxaço, investimento em infraestrutura, habitação, renda, empoderamento das comunidades e cooperação global.

Todavia, algumas saídas propostas parecem evidentes, genéricas, de difícil implementação ou mesmo controversas em determinados contextos – em especial ao se levar em conta a realidade de países periféricos –, como incentivos fiscais para valorizar o uso produtivo do solo urbano, habitação mais acessível em locações centrais, melhores salários para trabalhadores do setor de serviços e esforços globais de melhoria da qualidade de vida nas cidades. Para que iniciativas como essas fossem implementadas, seria necessário acomodar interesses distintos de governos nacionais e locais, organizações sociais e setor privado quanto à distribuição dos benefícios advindos do crescimento e à coordenação de iniciativas em nome de um desenvolvimento urbano que fosse mais igualitário e sustentável. Porém, ao se lidar com as particularidades de cada cidade, pode-se ver os obstáculos, tendo em vista as inúmeras divergências político-partidárias e as estruturas oligárquicas que operam em inúmeras regiões do planeta, em especial no mundo em desenvolvimento. ☉

## REFERÊNCIAS

FLORIDA, Richard. **The rise of the creative class** – and how it’s transforming work, leisure, community and everyday life. Nova York: Basic Books, 2002.

GRABAR, Henry. Fantastical maps. **Slate**, 11 abr. 2017. Disponível em: <https://slate.com/culture/2017/04/richard-floridas-the-new-urban-crisis-reviewed.html>. Acesso em: 15 out. 2019.

HARTLEY, John. **Creative Industries**. Londres: Blackwell, 2005.

HOWKINS, John. **The Creative Economy: How People Make Money From Ideas**. Londres: Allen Lane, 2001.

LANDRY, Charles; BIANCHINI, Franco. **The creative city**. Londres: Demos, 1998.

LEYDESDORFF, Loet; ETZKOWITZ, Henry. The Triple Helix as a Model for Innovation Studies. **Science & Public Policy**, v. 25, n. 3, p. 195-203, 1998.

MCCANN, Eugene J. Inequality and Politics in the Creative City-Region: Questions of Liveability and State Strategy. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 31, n. 1, p. 188-196, 2007.